

Aspectos avaliativos das metáforas no discurso jornalístico: a série de reportagens Vaza Jato, do *The Intercept* Brasil

Evaluative Aspects of Metaphors in Journalistic Discourse: The Series of Reports Vaza Jato from The Intercept Brasil

Márcia de Paula Andrade

Universidade Federal de Juiz de Fora
(UFJF) | CAPES | Juiz de Fora | MG | BR
marcia.ufjf@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7929-9911>

Luiz Fernando Matos Rocha

Universidade Federal de Juiz de Fora
(UFJF) | Juiz de Fora | MG | BR
luiz.rocha@ufjf.br
<https://orcid.org/0000-0001-5251-1652>

Resumo: Baseado na Linguística Cognitiva, este artigo analisa processos figurativos, predominantemente a metáfora, em contexto de reportagens jornalísticas atuais em português brasileiro. Tendo em vista os aportes teóricos da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), e da noção de fictividade, de Talmy (2019 [2000]), o fundamento mais relevante tem a ver com a compreensão de Deignan (2010) sobre as metáforas avaliativas. De acordo com ela, há quatro maneiras para a metáfora promover uma avaliação: implicações geradas; cenários metafóricos evocados; domínios-fonte escolhidos; conotações exploradas. Do ponto de vista metodológico, mapearam-se usos de metáforas nos dois primeiros textos da série de reportagens Vaza Jato, lançada pelo *The Intercept* Brasil, para integrar uma análise de caráter qualitativo-interpretativo. Os resultados indicam que o discurso jornalístico utiliza criticamente metáforas avaliativas, bem como seus respectivos esquemas imagéticos e suas implicações, requisitando parcialmente as mesmas bases figurativas acionadas pelas fontes de informação, características as quais surgem dos dados vazados, sugerindo a perspectiva avaliativa dos jornalistas sobre essas mensagens. No contexto enunciativo das reportagens analisadas, a seleção dos domínios-fonte se revelou crucial para o caráter avaliativo das metáforas. Outro aspecto relevante é a apropriação, pelo discurso jornalístico, de metáforas avaliativas advindas das fontes de informação, para usá-las argumentativamente contra essas próprias fontes. Finalmente, em termos de produção textual, as reportagens recorrem aos mesmos processos



figurativos e avaliativos para se obterem coesão e coerência por meio de metáfora.

Palavras-chave: cognição; metáfora; avaliação; coesão metafórica; discurso jornalístico; língua em uso.

Abstract: Based on Cognitive Linguistics, this article analyzes figurative processes, predominantly metaphor, in the context of current journalistic reports in Brazilian Portuguese. Considering the theoretical contributions of Conceptual Metaphor, by Lakoff and Johnson (2002 [1980]), and the notion of fictivity, by Talmy (2019 [2000]), the most relevant foundation has to do with Deignan's (2010) understanding on evaluative metaphors. According to her, there are four ways for the metaphor to promote an evaluation: generated implications; evoked metaphorical scenarios; chosen source domains; explored connotations. From a methodological point of view, uses of metaphors were mapped in the first two texts of the series of reports Vaza Jato, launched by The Intercept Brasil, to integrate a qualitative-interpretative analysis. The results indicate that the journalistic discourse critically uses evaluative metaphors, as well as their respective imagery schemes and their implications, partially requesting the same figurative bases activated by the sources of information, characteristics which arise from the leaked data, suggesting the evaluative perspective of journalists on these messages. In the enunciative context of the analyzed reports, the selection of source domains proved to be crucial for the evaluative character of the metaphors. Another relevant aspect is the appropriation, by journalistic discourse, of evaluative metaphors arising from information sources, to use them argumentatively against these very sources. Finally, in terms of textual production, the reports resort to the same figurative and evaluative processes to obtain cohesion and coherence through metaphor.

Keywords: cognition; metaphor; assessment; metaphorical cohesion; journalistic discourse; language in use.

1 Introdução

Este artigo é motivado pelo interesse inicial de se compreenderem fenômenos pertinentes à fictividade no âmbito dos textos jornalísticos acerca da temática política, tendo em vista que o projeto de pesquisa “Interação fictiva como construção linguística e estratégia comunicativa”, desenvolvido por Rocha (2022), já abarcou o domínio discursivo jornalístico (Andrade, 2022), além do pedagógico (Magalhães, 2018; Silva, 2019), jurídico (Tavares, 2021), religioso (Silva, 2023), terapêutico (Dornelas, 2018), publicitário (Santos, 2022), entre outros. Outra razão envolve a relevância jornalística da série de reportagens – denominada Vaza Jato e publicada pelo jornal *The Intercept* Brasil a partir de julho de 2019, acerca da Operação Lava Jato –, na qual se denunciam magistrados por sua parcialidade política na condução das investigações sobre esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro. Por isso, as duas primeiras matérias da referida série constituem o banco de dados a ser analisado.

Entendendo-se a metáfora como categoria subordinada à fictividade (Talmy, 2019), ou como produto da fictividade (Langacker, 2008), e a devolutiva dos dados analisados, investiga-se o uso de metáforas avaliativas (Deignan, 2010) em contexto jornalístico. Nele, significantes figurativos são usados para construir o sentido textual, marcando os posicionamentos críticos tanto da perspectiva dos jornalistas, que denunciam a parcialidade dos magistrados nas reportagens, quanto da perspectiva desses magistrados denunciados, observável por meio das conversas vazadas. Embora as matérias que constituem o banco de dados sejam relevantes sob os prismas social e histórico, o enfoque deste artigo é a compreensão de fenômenos linguísticos figurativos em discurso jornalístico institucional. No entanto, a oposição dada entre denunciadores e denunciados, algo bastante peculiar ao referido banco de dados, propiciou a observação da apropriação, pelo discurso jornalístico, das metáforas avaliativas que surgem primeiro no contexto enunciativo dos dados vazados para então serem usadas, nas reportagens, argumentativamente contra os magistrados denunciados.

Com isso, este trabalho promove o rastreamento, a descrição e a análise das ocorrências de expressões metafóricas, entendidas como avaliativas, ao longo de dois textos jornalísticos do *The Intercept* Brasil sobre a Operação Lava Jato. Além disso, arregimentam-se orientações metodológicas relacionadas aos mecanismos pelos quais a metáfora avalia, com base em Deignan (2010): (i) compreender quais são as implicações integradas pelas metáforas que surgem no banco de dados do *The Intercept* Brasil; (ii) identificar quais são os esquemas imagéticos acionados pelas metáforas para formar o chamado cenário metafórico; (iii) perceber a escolha dos domínios-fonte que são significativos para os leitores do referido jornal; (iv) realçar o contraste em relação ao significado literal das palavras usadas na construção das metáforas.

Diante do exposto, formulam-se as seguintes hipóteses depreendidas da associação entre os pressupostos teóricos e os achados analíticos circunscritos ao banco de dados: (i) o discurso jornalístico, nas reportagens estudadas, apropria-se de modo crítico das metáforas avaliativas, de seus respectivos esquemas imagéticos e de suas implicações, requisitando parcialmente as mesmas bases figurativas apresentadas pelas fontes de informação. Tais aspectos surgem dos dados vazados, sugerindo a perspectiva avaliativa dos jornalistas sobre essas mensagens; (ii) no âmbito das reportagens mencionadas, o discurso jornalístico faz uso das metáforas avaliativas das fontes de informação para empregá-las argumentativamente contra essas próprias fontes; e (iii) a seleção dos domínios-fonte é fundamental para o caráter

avaliativo das metáforas (Deignan, 2010), o que é também verificado no contexto enunciativo das reportagens em análise.

Este artigo se organiza conforme as seguintes seções: a primeira reúne os principais aspectos teóricos que trazem os fundamentos norteadores da análise; a segunda dispõe sobre a metodologia de pesquisa utilizada para estudo do banco de dados contextualizado; e a terceira diz respeito à análise do banco de dados. Por fim, nas considerações finais, apresentam-se as principais conclusões da pesquisa.

2 Pressupostos teóricos

As propriedades avaliativas e persuasivas da metáfora foram discutidas antes mesmo do surgimento da abordagem linguístico-cognitiva como corpo teórico bem delimitado. Deignan (2010) relembra que, já em 1962, Ullmann explicava a metáfora como fonte suprema de expressividade na linguagem, e que, em 1967, Waldron analisava expressões figuradas como “O homem é um lobo”, apontando o aspecto avaliativo da metáfora (Ullmann, 1962; Waldron, 1967 *apud* Deignan, 2010). Por sua vez, Lakoff e Johnson (2002) argumentaram que os políticos podem explorar as metáforas para persuadir. Além disso, as metáforas têm sido recentemente estudadas pela área da publicidade justamente por sua força persuasiva, como afirma Deignan (2010) ao citar o trabalho de McQuarrie e Phillips (2005). Entretanto, essa autora, no mesmo trabalho de 2010, afirma que grande parte dos estudos não explica de forma tão aprofundada como exatamente uma metáfora é capaz de comunicar uma avaliação.

O aspecto avaliativo da metáfora é compreendido do entendimento de que, para cruzar dois domínios na metáfora, é preciso, de antemão, fazer uma avaliação, ainda que seja uma espécie de avaliação prévia quase automática (Deignan, 2010). Assim, a referida autora estuda quatro mecanismos pelos quais a metáfora poderia, efetivamente, realizar uma avaliação: (i) uso da metáfora para criar implicações; (ii) uso de cenários metafóricos; (iii) a escolha dos domínios-fonte que são significativos para os usuários de uma linguagem particular; (iv) a exploração das conotações do significado literal das palavras. Nesse sentido, as metáforas teriam potencial narrativo, gerando implicações com base nas conotações avaliativas que passariam do domínio-fonte para o domínio-alvo. Além disso, a escolha de um domínio-fonte pelo enunciador visaria a atingir grupos sociais específicos para os quais esses domínios-fonte seriam mais significativos.

Um dos conceitos utilizados por Deignan (2010) diz respeito ao uso de cenários metafóricos pelos enunciadores de um discurso, em alusão ao modelo descrito por Musolff (2006). Ela menciona ainda os estudos feitos por Sopory e Dillard (2002), que afirmam que suas descobertas são consistentes com a hipótese da “organização superior”, isto é, que uma metáfora teria como função a organização dos fatos em uma história. Adicionalmente, esses conceitos relembram o que Lakoff e Johnson (2002) já haviam dito a respeito do funcionamento sistematizado das metáforas.

O conceito de implicações acionado por Deignan (2010) refere-se a Schön (1993), que argumenta que as metáforas podem integrar a historicidade juntamente com suas implicações, para apresentar uma interpretação particular de situações e eventos por parte do enunciador. As implicações dizem respeito a uma série de conclusões, cujas inferências são plausíveis com base no processamento linguístico-cognitivo da metáfora: o conceptu-

alizador acessa a historicidade do léxico acionado no domínio-fonte, incrementando sentidos ao domínio-alvo e gerando as implicações, que seriam os entendimentos conclusivos consequentes da metáfora. É um mecanismo interpretativo cuja plausibilidade é dada pela operação metafórica.

Deignan (2010) cita os exemplos de implicações metafóricas de Lakoff e Johnson (1980), como no caso da metáfora da “guerra”, que teria sido explorada na década de 1970, aplicada ao contexto da crise energética. Segundo esses autores, aludir à “guerra” poderia justificar o uso de meios militares para o fornecimento de energia, uma vez que as implicações incluiriam: (i) a pressuposição de existência de um inimigo exterior, que seria psicologicamente perfilado como hostil; (ii) a ideia de que a população precisaria fazer sacrifícios; e (iii) o apelo ao instinto de sobrevivência, segundo o qual as pessoas seriam encorajadas a enfrentar uma ameaça. Outra observação breve feita por Deignan (2010) ganha relevo nesta pesquisa, pois a metáfora se configuraria como um eficiente recurso para o locutor posicionar-se diante de uma situação, tendo em vista que seu interlocutor (no caso, os leitores do *The Intercept Brasil*) não teria a necessidade de ter uma explicitação da metáfora para tirar conclusões: seria suficiente acessar a historicidade do domínio-fonte da metáfora para ser capaz de compreender suas implicações por si mesmo.

A noção de cenários foi desenvolvida por Musolff como “uma categoria analítica intermediária entre o nível do domínio conceitual como um todo e seus elementos individuais” (Musolff, 2004 *apud* Deignan, 2010, p. 360-361). Para Musolff, uma mesma metáfora pode evocar diferentes modelos de cenário, os quais veiculam distintas perspectivas avaliativas, podendo haver conflito. Essa observação foi aproveitada por Deignan (2010) e é concernente às análises observadas neste artigo. Além disso, verificou-se um uso argumentativo da oposição entre implicações possibilitadas por uma metáfora. Deignan (2010) compreende que, por meio da noção de cenários, o pesquisador pode especular a respeito das implicações das metáforas que acionam o mesmo domínio-fonte, sendo necessário perceber um cenário e, então, identificar como o enunciador usa as metáforas produzidas pelo cenário. Assim, a noção de cenários de Musolff, bem como a utilização desse conceito por Deignan, são confirmadas pelo que se observa neste artigo.

De fato, por meio das metáforas, se expressa uma avaliação subjetiva. Algumas vezes demonstra-se concordância, mas é possível acionar a mesma metáfora com expressões linguísticas diferentes para manifestar discordância. Esse é o movimento identificado na análise do banco de dados: tanto as mensagens dos procuradores quanto as mensagens dos jornalistas acionam as mesmas metáforas por perspectivas diferentes, as quais são notadas pelos cenários, pelos traços selecionados do domínio-fonte de uma mesma metáfora ou mesmo do ponto de vista do conceptualizador na metáfora. É como se este último transferisse seu ponto de vista para o cenário metafórico acionado e de lá abordasse os fatos. Segundo Deignan (2010), a escolha do domínio-fonte indica o funcionamento avaliativo das metáforas, uma vez que considera os conhecimentos compartilhados entre os conceptualizadores. Assim, um escritor pode levar em conta os domínios-fonte que seriam os mais significativos para criar alinhamento linguístico-cognitivo com seus leitores.

Por último, Deignan (2010) discute a relevância da conotação, pois estudos anteriores à abordagem da Linguística Cognitiva apontavam que os efeitos persuasivos da metáfora guardariam relação com a esquematização das conotações dos domínios-fonte que seriam atribuídas aos domínios-alvo. Em outros termos: a conotação teria uma correspondência

direta com o efeito persuasivo. No entanto, seus resultados apontam certa fragilidade dessa hipótese, uma vez que os sentidos conotativos de palavras relacionadas a um mesmo domínio-fonte nem sempre são encontrados quando essas palavras são usadas figurativamente. Por exemplo, em “o menino engordou”, pode-se dizer que há uma conotação negativa vinculada ao verbo “engordar”, porém em “engordei a minha poupança” esse mesmo verbo assumiria conotação positiva. Colocam-se como outros exemplos desafiadores os casos em que as palavras têm uma etimologia complexa, apresentam ambiguidade semântica ou quando as conotações do domínio-fonte são empregadas em tom irônico. Apesar disso, para a autora e de acordo com seus dados, em alguns casos, os sentidos metafóricos são pertinentes aos significados literais das palavras, contribuindo com os aspectos avaliativos das metáforas. O referido estudo ilustra esse argumento com base, por exemplo, na palavra “inchado” em textos de relatórios financeiros, cuja conotação negativa é consistente com seu significado literal.

Os resultados alcançados por Deignan (2010) apontam para a relevância, quantitativa tanto em *types* (diferentes expressões) quanto em *tokens* (número de instâncias), de expressões figurativas. Assim, segundo ela, as metáforas conceituais subjacentes não prescrevem a forma da realização linguística das expressões metafóricas. A forma é variável, embora haja alguma fixidez, cuja explicação se daria por uma complexa relação entre propriedades formais, semânticas e avaliativas dessas expressões. Ela aponta ainda que a maior parte das expressões analisadas consistiria em representações de mapeamentos metafóricos específicos, possivelmente episódicos, cujas propriedades avaliativas são depreendidas com base no contexto de uso, ou seja, não são previsíveis. Para Deignan (2010), essas expressões poderiam ser tomadas como evidência de mapeamentos metafóricos subjacentes, indicando que as instâncias mais específicas e de ocorrências únicas sejam mais frequentes e, por isso, mais significativas conceitualmente do que as formas reiteradas.

3 Metodologia

Esta seção trata do percurso metodológico que culmina na análise linguístico-cognitiva do objeto de estudo, metáforas avaliativas emergentes, em um específico banco de dados de modalidade escrita: duas reportagens jornalísticas investigativas de teor político. A abordagem das instâncias do objeto segue uma orientação qualitativa interpretativa, segundo a qual se acolhe o olhar do pesquisador e, por conseguinte, suas práticas interpretativas (Bryman, 1996; Denzin & Lincoln, 2006).

Para além disso, são levadas em conta noções gerais que envolvem a metodologia baseada em *corpus*, o qual, nesse caso, é considerado um conjunto de exemplos ilustrativos de uma teoria ou de conceitos prévios; e movida a *corpus*, o qual, nesse caso, direciona a análise dos dados (Berber-Sardinha, 2004). Entende-se que as duas reportagens escolhidas para estudo configuram apenas banco de dados, devido à definição de *corpus* como um conjunto de dados linguísticos (orais e/ou escritos), organizados criteriosamente, extensos e representativos do uso, de forma a serem processados por computador para posterior descrição e análise (Sanchez; Cantos, 1996 *apud* Berber-Sardinha, 2004). Nesse sentido, a condução metodológica desta pesquisa abrange o entendimento de que existe um conceito prévio, porém

ele está sujeito àquilo que os dados efetivamente apresentam, podendo até ganhar ajustes, acréscimos e outros níveis de complexidade.

Especificamente, a contextualização do banco de dados envolve as seguintes informações. Entre 9 de junho de 2019 e 18 de janeiro de 2022, o jornal *The Intercept* Brasil publicou 111 reportagens sobre a Operação Lava Jato.¹ Totalizando aproximadamente 3 mil palavras (1.213 na primeira reportagem e 1.598 na segunda, excluindo-se as palavras contidas nas imagens), o banco de dados se constitui das duas reportagens iniciais desse conjunto de matérias, intitulado série Vaza Jato, com acesso livre e gratuito: a primeira parte, de 09/06/2019: “As mensagens secretas da Lava Jato - Como e por que o *Intercept* está publicando *chats* privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro”, por Glenn Greenwald, Betsy Reed e Leandro Demori; e a segunda parte, de 09/06/2019: “Mafiosos!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!” - Procuradores da Lava Jato tramaram em segredo para impedir entrevista de Lula antes das eleições por medo de que ajudasse a ‘eleger o Haddad’”, por Glenn Greenwald e Victor Pougy.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa iniciaram-se com a leitura reiterada das matérias em análise e, em seguida, o rastreamento e o estudo de todas as ocorrências de expressões metafóricas instanciadas nas duas reportagens. Ao se identificar cada expressão, foram exploradas interpretações sobre sua integração junto ao contexto comunicativo jornalístico. Observaram-se ainda os domínios-fonte, os esquemas imagéticos e as implicações, relativos a cada instância. Mesmo não sendo uma pesquisa de caráter quantitativo, optou-se ainda por quantificar os *types* e *tokens* de metáforas avaliativas para sustentar critérios de relevância acerca de recorte analítico em torno da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA.

As metáforas identificadas no banco de dados se dividem entre as que já são descritas na literatura linguística e as que são por nós postuladas. As primeiras contemplam os trabalhos desenvolvidos por: Lakoff e Johnson (2002), DISCUSSÃO É GUERRA, ENTENDER É VER, MAIS É PRA CIMA, TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES; Reddy ([1993 [1979]], METÁFORA DO CONDUTO; Ferrari e Pinheiro (2015), COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL. Quando as metáforas encontradas nos dados não estavam descritas no arcabouço teórico utilizado neste artigo, optou-se por nomeá-las seguindo procedimentos de identificação similares aos realizados pelos autores logo acima citados, ou seja, com base em expressões linguísticas figurativas, rastream-se os domínios-fonte e os domínios-alvo.

Os *types* de metáfora por nós reconhecidos são dispostos a seguir, bem como seus exemplos: PROCESSO JURÍDICO É ESPETÁCULO (“a gente aqui fica só fazendo papel de palhaço com um Supremo desse”); CONDIÇÃO PSICOLÓGICA É AMBIENTE ATMOSFÉRICO (“O clima no stf deve ta ótimo”); PROCESSO JURÍDICO É VIAGEM (“toda solidariedade do mundo à você nesse episódio da Coger, estamos num trem desgovernado”); PROCESSO JURÍDICO É JOGO (“o juiz continuava a fingir ser o árbitro neutro neste jogo”); APROVAR É BATER PALMAS (“argumentação que levou boa parte da sociedade brasileira... a aplaudir a publicidade determinada pelo então juiz Moro”); ATENUAR É ACRESCENTAR LÍQUIDO (“diluir o foco da entrevista”); CONFIDENCIALIDADE É GRANDEZA ESCALAR (“o grau de sigilo com que eles operam”); ELEIÇÃO É PRÁTICA ESPORTIVA (“liderava a corrida eleitoral de 2018”); EXECUÇÃO É EXTREMIDADE (“ações de relevância levadas a cabo em segredo”); FUNÇÃO É PAPEL DRAMÁTICO (“O único papel do Intercept foi receber o material da fonte”); POLÍTICA É MATEMÁTICA (“esse tipo de cálculo político era rotineiro nas decisões da força-tarefa”); PROCESSO JURÍDICO É ENGRENAGEM (“Sua exclusão da

¹ Disponíveis em: <https://theintercept.com/2020/01/20/linha-do-tempo-vaza-jato/>. Acessadas em: jul. 2022.

eleição, baseada na decisão de Moro, foi uma peça-chave”); REGIME POLÍTICO É CORPO (“uma democracia é mais saudável”); REPUTAÇÃO É ARTE PLÁSTICA (“a força-tarefa não é o grupo apolítico e apartidário de luta anticorrupção que os procuradores e seus aliados na mídia tentam pintar”); EVIDENCIAR É TIRAR A ROUPA (“e se forcarem - sic - antes, desnuda ainda mais o caráter eleitoreiro”); LICITUDE É LIMPEZA; ILICITUDE É SUJEIRA (“Operação Lava-Jato”); PERIGO É TRAÇO OU RISCO NO PAPEL (“pode existir eventual risco de rebelião”).

4 Análise dos dados

A orientação analítica desta seção em torno da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA (Lakoff; Johnson, 2002) segue basicamente o que preconiza Deignan (2010) acerca dos mecanismos pelos quais as metáforas avaliam, tendo como foco principal a compreensão das implicações integradas pelas instâncias da referida metáfora, que surgem no banco de dados. Também é relevante a percepção da escolha do domínio-fonte GUERRA. Os demais mecanismos são observados de modo adicional. Há identificação de um único esquema imagético, FORÇA (FORÇA CONTRÁRIA, BLOQUEIO, RESTRIÇÃO, HABILIDADE), para formar o cenário metafórico em todas as ocorrências analisadas. Além disso, o realce do contraste em relação ao significado literal das palavras usadas nas instâncias da referida metáfora se dá no momento em que se releva a dimensão concreta do referido domínio-fonte.

Por conseguinte, a análise dos dados jornalísticos estabelece, com o leitor deste artigo, um pacto argumentativo, que gira em torno de uma postulação localmente circunscrita. Trata-se de uma distinção entre o que se denomina Discurso Portado, como derivação da expressão canônica Discurso Reportado, e este último. Entende-se, então, o Discurso Portado como aquele que é estritamente redigido pelo punho dos próprios jornalistas, ao passo que Discurso Reportado remete tradicionalmente aos limites do discurso de outrem trazidos à baila pelas reportagens em destaque. Essa distinção evidentemente condiz com a noção figurativa expressa pela METÁFORA DO CONDUTO (Reddy, 1979), segundo a qual a linguagem porta o sentido. Desse modo, é plausível propor o par Discurso Portado e Discurso Reportado, forjado exclusivamente para propósitos argumentativos desta análise (*for the sake of argument*).

Para ilustrar a proposição desse par, tem-se como foco analítico, já mencionado, as ocorrências da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA (Lakoff; Johnson, 2002) no referido banco de dados. Alguns números justificam essa escolha. No todo das reportagens analisadas, são observadas 68 ocorrências de expressões que disparam metáforas, como *tokens* representativos delas, sendo 42 *tokens* relativos ao Discurso Reportado e 26 ao Discurso Portado. Por outro lado, são verificados 23 *types* superordenados de metáforas, sendo que algumas ocorrências abarcam mais de um.² A Tabela 1 apresenta esses *types* e os números totais encontrados, de acordo com o critério já exposto em nota de rodapé:

² Assim, adota-se um critério distributivo para se evitar que a mesma ocorrência seja contabilizada mais de uma vez, o que requereria maior complexidade no cálculo dos quantitativos. Segundo esse critério, cada ocorrência é contabilizada uma única vez conforme a metáfora mais abrangente. Por exemplo, se uma ocorrência está relacionada à metáfora DISCUSSÃO É GUERRA E À PROCESSO JURÍDICO É JOGO, ela é considerada no quantitativo apenas referente à primeira.

Quadro 1 – Quantitativos de types e tokens das Metáforas Avaliativas

Types de Metáforas		Tokens de Metáforas		
Nº	Metáforas	Discurso Reportado	Discurso Portado	Total
1	discussão é guerra	11	7	18
2	metáfora do conduto	11	4	15
3	entender é ver	1	3	4
4	processo jurídico é espetáculo	4	0	4
5	condição psicológica é ambiente atmosférico	1	2	3
6	processo jurídico é viagem	3	1	4
7	processo jurídico é jogo	0	2	2
8	comunicação verbal é atividade têxtil	1	1	2
9	mais é pra cima	1	1	2
10	aprovar é bater palmas	0	1	1
11	atenuar é acrescentar líquido	0	1	1
12	confidencialidade é grandeza escalar	0	1	1
13	eleição é prática esportiva	1	0	1
14	execução é extremidade	1	0	1
15	função é papel dramático	0	1	1
16	política é matemática	1	0	1
17	processo jurídico é engrenagem	0	1	1
18	regime político é corpo	1	0	1
19	reputação é arte plástica	1	0	1
20	evidenciar é tirar a roupa	1	0	1
21	licitude é limpeza; ilicitude é sujeira	1	0	1
22	perigo é traço ou risco no papel	1	0	1
23	teorias são construções	1	0	1
Total		42	26	68

Fonte: elaborada pelos autores

Como se viu na seção metodológica, as duas reportagens analisadas trazem um total de aproximadamente 3 mil palavras. Nesse montante, verifica-se que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA é mais saliente em termos numéricos, sendo seguida pela METÁFORA DO CONDUTO. Embora sejam quantitativamente inexpressivas, as demais são qualitativamente interessantes do ponto de vista da análise linguístico-cognitiva. Por essas razões, daqui por diante, estabeleceu-se um recorte analítico em torno exclusivamente da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, cuja expressividade remete não apenas à questão numérica, mas sobretudo à sua proemi-

nência qualitativa em termos de construção textual das reportagens. A seguir, encontra-se a Tabela 2, que ilustra as ocorrências mais emblemáticas da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA no âmbito do Discurso Reportado, contendo as respectivas implicações gerais. Esta tabela é significativa para o contraste feito posteriormente em relação às ocorrências da referida metáfora, mas no âmbito do Discurso Portado (Tabela 3). Como se observa logo a seguir, a Tabela 2 se organiza de forma a destacar em negrito as instâncias de metáfora na coluna Ocorrência, ladeada por sua Implicação Geral.

Quadroz – Metáfora DISCUSSÃO É GUERRA no âmbito do Discurso Reportado

Nº	Vaza Jato	Fonte	Ocorrência	Implicação Geral da Metáfora
1	Parte 1	Parte do senso comum	“Moro e os procuradores da Lava Jato são figuras altamente controversas aqui e no mundo – tidos por muitos como heróis anticorrupção e acusados por tantos outros de ser ideólogos clandestinos de direita, disfarçados como homens da lei apolíticos.”	Atenuação do caráter positivo associado à imagem pública dos magistrados, cuja reputação é questionada pelas denúncias da Vaza Jato por meio do domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
2	Parte 1	Críticos da força-tarefa da Lava Jato	“Seus críticos têm insistido que eles exploraram e abusaram de seus poderes na justiça com o objetivo político de evitar que Lula retornasse à Presidência e destruir o PT .”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
3	Parte 1	Dados vazados: conversas dos procuradores	“As reportagens de hoje mostram, entre outros elementos, que os procuradores da Lava Jato falavam abertamente sobre seu desejo de impedir a vitória eleitoral do PT e tomaram atitudes para atingir esse objetivo; e que o juiz Sergio Moro colaborou de forma secreta e antiética com os procuradores da operação para ajudar a montar a acusação contra Lula.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
4	Parte 1	Notícia citada pelo <i>The Intercept</i> Brasil	“O único papel do The Intercept Brasil na obtenção desse material foi seu recebimento por meio de nossa fonte, que nos contactou há diversas semanas (bem antes da notícia da invasão do celular do ministro Moro, divulgada nesta semana, na qual o ministro afirmou que não houve “captação de conteúdo”) e nos informou de que já havia obtido todas as informações e estava ansiosa para repassá-las a jornalistas.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

5	Parte 2	Dados vazados	“Um extenso lote de arquivos secretos revele que os procuradores da Lava Jato, que passaram anos insistindo que são apolíticos, tramaram para impedir que o Partido dos Trabalhadores, o PT, ganhasse a eleição presidencial de 2018, bloqueando ou enfraquecendo uma entrevista pré-eleitoral com Lula com o objetivo explícito de afetar o resultado da eleição.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
6	Parte 2	Manchete da <i>Folha</i> citada em <i>tweet</i> de Dallagnol	“A @folha apresentou a seguinte opinião após o julgamento de Lula no STJ: ‘não há como sustentar a ideia de que é alvo de um processo de exceção depois que três instâncias do Judiciário analisaram seus argumentos e chegaram ao mesmo entendimento’.”	Atenuação, por força da negativa, do caráter drástico do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
7	Parte 2	Dados vazados: mensagens de Paludo	“Januário Paludo, por exemplo, propôs as seguintes medidas: Plano a: tentar recurso no próprio stf, possibilidade Zero. Plano b: abrir para todos fazerem a entrevista no mesmo dia. Vai ser uma zona mas diminui a chance da entrevista ser direcionada .”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
8	Parte 2	Dados vazados: mensagens de Costa	“e se forcarem antes, desnuda ainda mais o caráter eleitoreiro”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
9	Parte 2	Dados vazados: mensagens de Paludo	“Januário Paludo – vai ser uma guerra de liminares... ”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
10	Parte 2	Dados vazados	“As discussões do dia 28 de setembro trazem indícios significativos de que a força-tarefa não é o grupo apolítico e partidário de luta anticorrupção que os procuradores e seus aliados na mídia tentam pintar.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
11	Parte 2	Texto da nota da força-tarefa da Lava Jato	“Nelas, dedicou especial atenção à ‘ação criminosa de um hacker que praticou os mais graves ataques à atividade do Ministério Público, à vida privada e à segurança de seus integrantes ’ e disse que “entende que a prisão em regime fechado restringe a liberdade de comunicação dos presos, como já manifestado em autos de execução penal, o que não se trata de uma questão de liberdade de imprensa”.	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

Fonte: elaborada pelos autores

Observa-se, por meio da Tabela 2, que as instâncias da referida metáfora, no âmbito do Discurso Reportado, apresentam-se em onze ocorrências diferentes. Nenhuma delas foi estrita e exclusivamente redigida ou dita pelos jornalistas do *The Intercept* Brasil, embora eles as tenham reportado. Nesse sentido, a atribuição de responsabilidade sobre o que é dito ou é escrito recai, mesmo que parcialmente, sobre os sujeitos reportados, que são: senso comum; críticos; autores da notícia citada; *Folha de São Paulo*, citada por Dallagnol; Paludo; juízes e procuradores da operação Lava Jato. É possível notar que as metáforas avaliativas elencadas na Tabela 2 têm origens bem definidas, as quais recorrem ao domínio-fonte GUERRA, instaurando uma avaliação que envolve o aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico. Embora as ocorrências sejam oriundas de material que antecede à publicação das reportagens pelo *The Intercept* Brasil, com exceção da última, que a sucede, é importante ressaltar que tanto o domínio do texto reportado quanto o do portado lançam mão do mesmo processo figurativo, em que DISCUSSÃO é alvo da fonte GUERRA.

As implicações decorrentes tanto de um quanto de outro apresentam contornos distintos, dado o propósito comunicativo de cada um dos contextos de enunciação. Dessa forma, a Tabela 2 apresenta uma implicação geral para cada ocorrência – porém, cabe que sejam desdobradas suas especificidades logo a seguir. No que tange a ocorrência de número 1, o termo “heróis anticorrupção” sustenta metaforicamente a ideia de que o domínio-fonte GUERRA é aplicado, pelo senso comum, às ações da Operação Lava Jato. Esse termo tem o propósito de marcar o embate entre denunciados e denunciantes em polos absolutamente opostos. Dessa forma, a escolha lexical “heróis” fortalece o contraste entre as dimensões pública e privada por descrever um papel público, que seria o de “heróis anticorrupção”, em oposição à suspeita de um papel privado, correspondente a “ideólogos clandestinos de direita disfarçados de homens da lei”. Ao reportar o que “muitos” dizem a respeito dos denunciados, os jornalistas recorrem ao enquadre bélico posto por esses “muitos” para contrastar com a postura tendenciosa desses juízes e procuradores. Assim, há a atenuação do caráter positivo associado à imagem pública dos referidos magistrados, cuja reputação é questionada pelas denúncias da Vaza Jato por meio do domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

Em relação à ocorrência de número 2, a expressão “destruir o PT” também sustenta metaforicamente a ideia de que o domínio-fonte GUERRA é aplicado, pelos críticos, às ações da Operação Lava Jato, porque ilustra muito mais prototipicamente a metáfora DISCUSSÃOÉ-GUERRA do que as noções de clandestinidade e de disfarce, as quais são mais periféricas em relação ao domínio da guerra, como se vê no trecho da ocorrência de número 1. Assim, “destruir o PT” marca novamente a oposição entre denunciados e denunciantes em polos contrários. Ao retomarem a crítica feita aos juízes e procuradores, os jornalistas colocam em proeminência a referida metáfora, que avalia o conflito em termos bélicos, dando ênfase ao aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

No que diz respeito à de número 3, no contexto em que é empregada, a expressão “vitória eleitoral”, de modo semelhante, contribui metaforicamente com a ideia de que o domínio-fonte GUERRA se aplica às eleições, segundo os procuradores reportados, em suas conversas vazadas. Vitórias e derrotas fazem parte do domínio bélico, assim como do domínio JOGO, os quais se diferenciam pelo grau de violência e se aproximam por envolver disputa, adversário, vitória, derrota, treinamento, equipamento, hierarquia, estratégia e técnica. Por meio da referência à guerra, os procuradores reportados dão mostras de sua parcialidade

e, de modo complementar, acionam a noção de estratégia que o jogo também evoca, o que possibilita a expressão enfática da crítica feita pelos jornalistas. Considera-se que essa metáfora se encontra no âmbito do Discurso Reportado, tendo em vista que os jornalistas aludem aos dados vazados publicados nas próprias reportagens. Dentre o que elas mostram, está a expressão do desejo de impedimento da vitória eleitoral do PT. O entendimento de que se trata de algo reportado se dá, sobretudo, no trecho “os procuradores da Lava Jato falavam abertamente sobre...”, em molde indireto. Com isso, é correto afirmar que a expressão “vitória eleitoral” origina-se, pelo menos parcialmente, do conteúdo e da forma dos dados vazados, embora esteja no texto dos jornalistas do *The Intercept* Brasil. Segundo Sanders e Redeker (1996), no discurso indireto, tanto falante reportado quanto narrador têm responsabilidade pelo enunciado, e o falante reportado tem responsabilidade pelo conteúdo. Portanto, pode-se considerar que há ênfase, por parte dos procuradores, do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

Quanto à ocorrência de número 4, a expressão “invasão do celular” também colabora metaforicamente com a ideia de que o domínio-fonte GUERRA é aplicado, segundo a notícia citada pelo *The Intercept* Brasil, a ações de espionagem. Essa noção instância o caráter bélico enquadrado pelo Discurso Reportado, que diz respeito ao conteúdo e à forma de outra notícia envolvendo o que se toma como sendo “invasão do celular do ministro Moro”. Então, é explícita a avaliação por meio da metáfora em um discurso que não é necessariamente de autoria dos jornalistas do *The Intercept* Brasil. Tal avaliação, feita pelos autores da referida notícia reportada, pontualmente, coloca Moro como vítima em um cenário de guerra, tendo seu espaço virtual invadido por um *hacker*. Assim, marca-se a distinção entre a notícia da invasão do celular do ministro, que havia sido divulgada e segundo a qual ele afirma que não houve captação de conteúdo, e o fato de que os próprios jornalistas do *The Intercept* Brasiltiveram acesso ao referido conteúdo, vazado por um *hacker*. Essa divergência entre as notícias é outro fator que auxilia na compreensão da “captação de conteúdo” como verídica no caso das reportagens da Vaza Jato, diferentemente do que foi dito pela outra notícia. Dessa forma, verifica-se ainda a ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

Sobre a ocorrência de número 5, há o entendimento de que se trata de um Discurso Reportado advindo da expressão *dicendi* indireta “um extenso lote de arquivos secretos revela que”, a qual abre espaço para a expressão metafórica destacada “bloqueando ou enfraquecendo uma entrevista”. Ao atribuir a ideia de força à entrevista, metaforicamente, o texto dos jornalistas está se referindo, de modo indireto, aos possíveis efeitos impactantes dela na sociedade naquela circunstância. Dessa forma, avalia-se a entrevista como sendo potencialmente “forte”, já que é passível de “enfraquecimento” ou mesmo “bloqueio”. Nota-se, portanto, a reiteração da implicação geral anterior.

Acerca da ocorrência de número 6, ao reportar a *Folha de São Paulo* em sua postagem no *Twitter*, Dallagnol endossa a opinião do referido jornal. Portanto, a implicação subsequente do texto vale tanto para um quanto para outro: embora considerem que Lula não seria “alvo de um processo de exceção”, a metáfora avaliativa está posta, evocando a ideia de haver uma guerra entre Lula e seus acusadores no processo jurídico. Essa evocação condiz com o modo expressivo pelo qual se opta por descrever o cenário político-jurídico de forma a explicitar seu contexto drástico. A *Folha de São Paulo* e Dallagnol não licenciariam a prerrogativa de que Lula

é alvo. Então, é como se supusessem que o próprio Lula se considerasse “alvo”. Dessa maneira, eles usam a metáfora para negar seu sentido. Assim, nota-se um efeito de atenuação, por força da negativa, do caráter drástico do contexto político-jurídico, fornecido pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

No que diz respeito à ocorrência de número 7, uma vez que se pode entender associativamente as metáforas avaliativas DISCUSSÃO É GUERRA e PROCESSO JURÍDICO É JOGO, sendo uma tomada pela outra, há a inferência de que as ações dos adversários, tanto em uma guerra quanto em um jogo, visam à vitória e podem ser compreendidas como estratégicas. Essas duas metáforas associadas também intensificam a implicação acerca da ênfase do aspecto drástico das ações estratégicas no contexto político-jurídico.

Quanto à ocorrência de número 8, o uso da expressão “se forcarem antes” conota de maneira mais específica o *subtype* de metáfora INSISTÊNCIA É FORÇA FÍSICA. Entretanto, tendo em vista que essa metáfora aborda a reiteração de um argumento, isto é, a insistência como um recurso de força em uma “luta verbal”, pode-se vincular INSISTÊNCIA É FORÇA FÍSICA ao *type* superordenado da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Dessa forma, a implicação genérica depreendida dessa instância também diz respeito à ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir. Por sua vez, a ocorrência de número 9 evoca exclusivamente o domínio-fonte GUERRA, por meio da expressão “guerra de liminares”, reforçando a referida implicação.

A ocorrência de número 10 contempla a expressão “luta anticorrupção” e instância outra vez a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Tal expressão ratifica o cenário metafórico da guerra, que já vem sendo evocado, bem como a denúncia de parcialidade contra aqueles que eram tidos como “heróis” no combate aos supostos crimes de corrupção. É nítida a perspectiva avaliativa dos jornalistas, com base nos dados vazados, de que os integrantes da força-tarefa, na verdade, não formam um grupo apolítico e apartidário. O uso conotativo de “luta” intensifica a força do empreendimento anticorrupção, tornando o enunciado argumentativamente mais efetivo ao lançar mão do domínio-fonte GUERRA, aquele que apresenta elementos drásticos, como agressividade, opressão, abuso e coação, os quais ampliam a expressividade simbólica do domínio-alvo DISCUSSÃO. Assim, essa ocorrência é um exemplo em que também há ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir. O mesmo se dá com a ocorrência de número 11, a qual figura em nota emitida posteriormente ao anúncio da publicação dos dados vazados, a força-tarefa da Lava Jato enquadra o *hacker* como um adversário de guerra, do qual seus integrantes se consideram vítimas.

Com esses elementos significativos, pode-se perceber que os próprios textos reportados já trazem a dimensão bélica para o contexto das reportagens investigativas. Talvez um dos achados mais relevantes apresentados neste artigo seja o apropriação dessa dimensão avaliativa prévia para a posterior produção do texto elaborado pelo punho dos próprios jornalistas. Pode-se afirmar que o “filtro” linguístico-cognitivo desses profissionais de imprensa selecionou, por razões diversas de impacto noticioso, os textos reportados que culminaram em um material que coloca em proeminência DISCUSSÃO É GUERRA. O julgamento, por parte do *The Intercept* Brasil, daquilo que fora relevante para a publicação contribuiu decisivamente para a emergência da referida metáfora avaliativa nas reportagens. Como já se afirmou, entende-se que, sendo os jornalistas determinantes na escolha do material a ser divulgado, o

texto portado explora amplamente os contornos drásticos desse recurso figurativo na composição textual das reportagens, que denunciam as conversas vazadas dos juízes e procuradores.

Dessa maneira, para que se estabeleça um contraste entre implicações advindas de origens discursivas distintas, opta-se, em seguida, pela apresentação de outra tabela, na qual estão arregimentadas as ocorrências mais emblemáticas da metáfora avaliativa DISCUSSÃO É GUERRA, oriundas do Discurso Portado, aquele que se considera ser diretamente redigido pelos jornalistas. Com essa terceira tabela, pode-se vislumbrar como a apropriação mencionada acima se dá textualmente. Um aspecto relevante tem a ver com as Implicações Gerais da referida metáfora portada pelos próprios jornalistas, ladeadas pelas Ocorrências, a saber:

Quadro 3 – Metáfora DISCUSSÃO É GUERRA no âmbito do Discurso Portado

Nº	Vaza Jato	Fonte	Ocorrência	Implicação Geral da Metáfora
1	Parte 1	Texto do <i>The Intercept</i> Brasil	“Intercept Brasil publicou hoje três reportagens explosivas mostrando discussões internas e atitudes altamente controversas, politizadas e legalmente duvidosas da força-tarefa da Lava Jato, coordenada pelo procurador renomado Deltan Dallagnol, em colaboração com o atual ministro da Justiça, Sergio Moro, celebrado a nível mundial.”	Ênfase do caráter surpreendente, inédito e grave das denúncias de parcialidade dos juízes e procuradores na condução das investigações da operação Lava Jato por meio do domínio-fonte GUERRA.
2	Parte 1	Texto do <i>The Intercept</i> Brasil	“A divulgação dessas ligações privadas foi crucial para virar a opinião do público contra o PT, ajudando a preparar o terreno para o impeachment de Dilma em 2016 e a prisão de Lula em 2018. ”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
3	Parte 2	Texto do <i>The Intercept</i> Brasil	“Por isso, articularam estratégias para derrubar a decisão judicial de 28 de setembro de 2018, que a liberou – ou, caso ela fosse realizada, para garantir que fosse estruturada de forma a reduzir seu impacto político e, assim, os benefícios eleitorais ao candidato do PT.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
4	Parte 2	Texto do <i>The Intercept</i> Brasil	“Por isso, articularam estratégias para derrubar a decisão judicial de 28 de setembro de 2018, que a liberou – ou, caso ela fosse realizada, para garantir que fosse estruturada de forma a reduzir seu impacto político e, assim, os benefícios eleitorais ao candidato do PT.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

5	Parte 2	Texto do <i>The Intercept</i> Brasil	“Por isso, articularam estratégias para derrubar a decisão judicial de 28 de setembro de 2018, que a liberou – ou, caso ela fosse realizada, para garantir que fosse estruturada de forma a reduzir seu impacto político e, assim, os benefícios eleitorais ao candidato do PT.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
6	Parte 2	Texto do <i>The Intercept</i> Brasil	“Toda a discussão, que se estendeu por várias horas, parece mais uma reunião entre estrategistas e operadores anti-PT do que uma conversa entre procuradores supostamente imparciais.”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.
7	Parte 2	Texto do <i>The Intercept</i> Brasil	“Um pedido do El País acatado por Lewandowski finalmente pôs o plano por terra ”	Ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

Fonte: elaborada pelos autores

Observa-se que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, no âmbito do que neste artigo está se nomeando como Discurso Portado, apresenta-se em sete ocorrências distintas, mas todas se encontram no texto de próprio punho dos jornalistas do *The Intercept* Brasil. Em relação à ocorrência de número 1, a expressão “reportagens explosivas” mostra que a escolha do domínio-fonte aciona o cenário metafórico de guerra para dizer sobre o aspecto ameaçador das próprias reportagens e de seu potencial “destrutivo”, considerando as graves denúncias mencionadas nessa primeira matéria. Destaca-se a maneira pela qual a opinião pode ser metaforicamente veiculada no texto jornalístico. Há implicação de que os jornalistas do *The Intercept* Brasil se colocam em “guerra”, como soldados que portam “munição” discursiva. É como se a reportagem fosse enquadrada como “bomba”, artefato bélico típico capaz de mudar drasticamente o decorrer de uma situação determinada. Naquele momento, a força-tarefa da Lava Jato gozava de certo prestígio e reconhecimento por parte da opinião pública, tanto é que o jornal enquadra os principais operadores da força-tarefa, Dallagnol e Moro, como “renomado” e “celebrado”, respectivamente, mesmo que esses adjetivos possam ser tomados de modo irônico quando reportados pelo *The Intercept* Brasil. Além disso, o anúncio das “reportagens explosivas” do jornal dá início ao processo de desconstrução da boa reputação de ambos e dos demais integrantes da referida operação. Percebe-se que há ênfase do caráter surpreendente, inédito e grave das denúncias de parcialidade dos juízes e procuradores na condução das investigações da operação Lava Jato por meio do domínio-fonte GUERRA.

A ocorrência de número 2 traz a expressão metafórica “preparar o terreno”, que também alude à metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, tendo em vista que o terreno a ser preparado corresponde ao cenário de articulações políticas que antecedeu o *impeachment* da então presidenta Dilma Roussef em 2016 e a prisão de Lula em 2018. Pode-se, então, desdobrar a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA em POLÍTICA É GUERRA OU PROCESSO JURÍDICO É GUERRA. Esse trecho emblemática, também, o quanto a política é um domínio fértil de estratégias, de bastidor ou não, para ações efetivas posteriores. Isso se configura como uma preparação, dizendo respeito

ao aspecto premeditado das decisões em um “terreno” de combate. Desse modo, observa-se a ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

Já na ocorrência de número 3, a expressão “articularam estratégias” não constitui um exemplo muito prototípico de uso figurativo para exprimir a tese jornalística acerca do desenvolvimento de estratégias políticas por parte dos magistrados da força-tarefa da Lava Jato. Apesar disso, é possível observar que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA subsiste e é observável em outras expressões da situação comunicativa circunvizinha: “derrubar a decisão judicial” e “reduzir seu impacto político”. Tais expressões são relacionadas à elaboração metafórica devido ao contexto enunciativo, que recorre ao vocabulário bélico para abordar o debate/embate político. Dessa forma, a natureza metafórica desses usos pouco prototípicos é fundamentalmente dada pelo contexto discursivo em que as expressões se inserem.

A respeito da ocorrência de número 4, a expressão “derrubar a decisão judicial” instancia metaforicamente o domínio da guerra envolvendo o plano jurídico. A implicação, no caso, recai sobre a tentativa, por parte da força-tarefa da Lava Jato, de impedimento ou de redução do impacto político da entrevista de Lula, que supostamente traria benefícios eleitorais para o candidato à presidência pelo PT, Fernando Haddad, nas eleições de 2018. Por meio da expressão metafórica, os jornalistas avaliam os magistrados como parciais em suas ações. Nesse sentido, a expressão “derrubar a decisão judicial” também endossa o aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico.

A ocorrência de número 5 se encontra no mesmo contexto enunciativo das ocorrências de números 2 e 3, em que é possível observar a atribuição, metaforicamente reiterada, de força política à entrevista. O texto jornalístico afirma que ela poderia ser “enfraquecida” pelas ações dos procuradores. Então, o que antes era metaforicamente enunciado (“bloqueando ou enfraquecendo uma entrevista”, ocorrência 5 da Tabela 2) se torna mais expressivo em “reduzir seu impacto político”, sendo que “impacto” evoca, também, o domínio-fonte bélico. Apesar de haver uma gradação entre expressões menos ou mais metafóricas, as ocorrências de números 2, 3 e 4 compartilham o mesmo contexto enunciativo e, juntas, reiteram a metáfora que enfatiza o aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico.

A ocorrência de número 6 apresenta a expressão “estrategistas e operadores anti-PT” e também alude ao domínio-fonte GUERRA por meio da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Como analisado, a fórmula “anti-X” é comumente utilizada em nomes de operações táticas policiais e aciona cenários metafóricos em que há uma dinâmica de lados opostos, envolvendo confrontação, podendo, inclusive, aludir à concepção maniqueísta do bem contra o mal, endossando o ideário de polícia *versus* bandido. Por isso, também, nota-se nessa ocorrência a ênfase do aspecto drástico de ações estratégicas em função do contexto político-jurídico, fornecida pelo domínio-fonte GUERRA, que faz a avaliação metafórica emergir.

Na ocorrência de número 7, por fim, a expressão “pôs o plano por terra” dispara a referida metáfora por meio do domínio semântico da “guerra”, no qual queda significa derrota. Além da expressão em destaque, a voz passiva subfocaliza a ação do ministro, salientando “Um pedido do El País” como sujeito verbal. Tais recursos apresentam a perspectiva avaliativa do *The Intercept* Brasil de valorização do trabalho jornalístico do *El País* e, por conseguinte, do seu pedido ao STF. Pode-se considerar que é como se o *The Intercept* Brasil prestigiasse a peti-

ção bem-sucedida do *El País*, tomando-o como um aliado na guerra pelo direito de imprensa. Assim, a implicação geral anteriormente observada se reitera.

A metáfora *DISCUSSÃO É GUERRA* é acionada repetidas vezes ao longo das matérias em análise. Por isso, é possível observar como ela é disparada por diferentes expressões tanto no discurso criado pelos próprios jornalistas quanto nos fragmentos de Discurso Reportado advindos dos dados vazados e de outros. Tomando as informações expostas na Tabela 2 em contraponto com a Tabela 3, pode-se depreender o quanto elas estão bem articuladas na composição textual das reportagens. Isso tem a ver diretamente com o que se vem defendendo em termos de apropriação, por parte dos jornalistas, de metáforas avaliativas que primeiramente foram produzidas nos textos das fontes. Tendo em vista uma expressiva relação de antecedência entre o material vazado ou oriundo de notas e outras reportagens, pode-se postular uma interferência ou influência desses dados na estilística das partes que contemplam o texto jornalístico em si, tanto em termos de forma quanto de conteúdo. Por conta disso, há o entendimento de que os jornalistas do *The Intercept Brasil* lançam mão da mesma metáfora avaliativa utilizada pelo discurso de outrem para compor a própria textualidade. O enquadre metafórico subjacente à metáfora *DISCUSSÃO É GUERRA* é adotado para servir de “munição” contra aqueles que o acionaram antes da redação das matérias.

5 Considerações finais

Sabe-se que, por acionar domínios de experiência mais concretos, cognitivamente concebidos, as metáforas favorecem uma compreensão eficaz do que se tenta expressar abstratamente, tanto é que se torna complexa a explicação não metafórica da questão que envolve a apropriação da qual se está tratando. No entanto, é possível assinalar que as estratégias discursivas usadas por determinado grupo podem ser utilizadas para servir de contra-argumento a esse mesmo grupo. A forma do “ataque” pode ser a mesma do “contra-ataque”, podendo este até reverter os resultados daquele. Com isso, as implicações gerais podem sofrer alterações em função da perspectiva de quem se utiliza da metáfora avaliativa. Ou seja, o mesmo recurso figurativo pode estar a serviço de lados opostos em um debate, porém o que destoaria é a orientação profissional, política e ideológica de quem produz a metáfora avaliativa.

Quando se comparam as implicações gerais concernentes a cada tabela, pode-se verificar nitidamente que há pouca diferença, levando-se em conta a relação entre atenuação e ênfase, esta se sobrepondo numericamente à anterior. O que realmente as distinguiria tem a ver com a perspectiva de quem enuncia a metáfora avaliativa e, por consequência, sugere as implicações específicas. Nas tabelas anteriores, observam-se, como já foi dito, as implicações gerais da referida metáfora. No entanto, no corpo do texto subsequente a cada tabela, encontram-se as implicações mais específicas, que revelam as diferenças de cada uma das tabelas. Nesse sentido, é patente a distinção das inferências disparadas por Discurso Portado e Discurso Reportado, a qual revela a oposição entre denunciados e denunciantes. Essa diferenciação revela, inclusive, um profundo tratamento irônico dado pelo texto jornalístico de próprio punho ao conteúdo e à forma do discurso de outrem, também por meio da metáfora avaliativa *DISCUSSÃO É GUERRA*.

Cabe ressaltar que essa ironia tem como pano de fundo a incompatibilidade entre o discurso público dos magistrados denunciados e seu discurso privado, exposta pelos jor-

nalistas com base na factualidade dos dados vazados. Então, ao usarem a mesma “munição” metafórica, proveniente de prova documental, esses profissionais da comunicação fazem com que sua denúncia ganhe força argumentativa ainda mais expressiva, conseqüentemente tornando ainda mais clara a inexistência da imparcialidade muitas vezes atribuída à força-tarefa. No âmbito dessa polarização discursiva, o signo metafórico dado pelo argumento do outro pode ser aproveitado justamente para desconstruir, atacar e desqualificar esse mesmo argumento do outro. Para além da relevância jornalística relativa à materialidade dos dados vazados, em conformidade com a máxima “contra fatos não há argumentos”, ambas as reportagens se valem também da “palavra” do outro contra ele mesmo, o que incrementa o embate político-ideológico e corrobora a tese de parcialidade dos magistrados denunciados por meio da exposição das evidências documentais.

Por fim, estabelecendo-se uma associação, licenciada pelo arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, entre o que concerne ao domínio-fonte GUERRA e ao domínio-alvo DISCUSSÃO, pode-se afirmar que: como os jornalistas do *The Intercept* Brasil (exército A) instanciam a referida metáfora avaliativa (arma), disparada pelos magistrados denunciados (exército B), demonstram reconhecer o valor e a potência da metáfora avaliativa (arma). Sendo essa metáfora avaliativa (arma) tomada, o que há de eficiente nela (potencial destrutivo) é transferido para quem a tomou. De algum modo, os magistrados denunciados (exército B) perdem o valor e a potência de sua metáfora avaliativa (arma) quando ela lhe é tomada, servindo esta posteriormente de argumento (artefato bélico) para os jornalistas (exército A). Então, os jornalistas (exército A) fazem uso da referida metáfora (arma), da qual os magistrados denunciados (exército B) se valiam ao interagirem secretamente (protegendo-se e atacando) no domínio privado das conversas no *Telegram* (búnquer do exército B). Nesse sentido, aquele que usa a mesma metáfora avaliativa (arma) do outro o enfraquece argumentativamente (belicamente), visto que a metáfora avaliativa (arma) que sustentava seus argumentos (ataque) não está mais sob seu controle.

Declaração de autoria

Nós, autores, declaramos que somos igualmente responsáveis por forma e conteúdo deste artigo.

Referências

ANDRADE, M. *Metáforas Avaliativas na série de reportagens Vaza Jato: o contra-ataque com a arma do outro na guerra discursiva*. 2022. 167 f. (Dissertação de Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

BERBER-SARDINHA, A. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BRYMAN, A. *Quantity and Quality in Social Research*. London: Routledge, 1996.

DEIGNAN, A. The evaluative properties of metaphor. In: LOW, G.; TODD, Z.; DEIGNAN, A.; CAMERON, L. *Researching and Applying Metaphor in the Real World*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 357-373.

- DENZIN, N. K; LINCOLN, I. *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DORNELAS, A. B. *Interação Fictiva como estratégia comunicativa de crianças ecológicas com transtorno do espectro autista*. 2018. 181 f. (Tese de doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.
- FERRARI, L.; PINHEIRO, D. Tricotar, alfinetar, rasgar o verbo: a comunicação verbal para além da metáfora do conduto. *Revista Investigações*, Recife, v. 28, n. 2, 2015, p. 1-25.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LANGACKER, R. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.
- MAGALHÃES, L. C.. *A Interação Fictiva e a dêixis: a emergência da fictividade em sala de aula*. 2018. 133 f. (Dissertação de mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.
- MCQUARRIE, E. F.; PHILLIPS, B. J. Indirect persuasion in advertising: How consumers process metaphors in pictures and words. *Journal of Advertising*, 34, 2005, p. 7–21.
- REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and thought*, 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993 [1979], p. 164-201.
- ROCHA, L. F. M. *Cá, com os meus botões: conversar comigo mesmo por que, para que e para quem*. 2022. 247 f. Tese (Promoção a Professor Titular). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.
- SANDERS, J.; REDEKER, G. Perspective and the representation of speech and thought in narrative discourse. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996, p. 290-317.
- SANTOS, D. *A emergência de casos de Interação Fictiva como estratégia comunicativa na publicidade*. Manuscrito. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.
- SCHÖN, D. Generative metaphor: A perspective on problem setting in social policy. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (2nd edn). Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 137-162.
- SILVA, J. C. *Interação Fictiva no ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira*. 2019. 151 f. (Dissertação de mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.
- SILVA, J. U. *Interação Fictiva no discurso de líderes religiosos: uma abordagem sociocognitiva*. 2023. 146 f. (Tese de doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.
- SOPORY, P.; DILLARD, J. P. The persuasive effects of metaphor: A meta-analysis. *Human Communication Research*, 28, 2002, p. 382–419. TALMY, L. Movimento fictivo na linguagem e “Cepção”. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 2, n 23, 2019, p.194-255.
- TAVARES, L. G. O. *Interação Fictiva como estratégia de estruturação discursiva em audiências de Instrução e Julgamento na Justiça Federal* 2021. 383 f. (Tese de doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.